



REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

**IMPRENSA COMUNISTA: UM PANORAMA DA PRODUÇÃO DE
REVISTAS E JORNAIS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL**

Daniela de Jesus Ferreira¹

Resumo

No século XX, inúmeras foram as transformações políticas, econômicas e sociais que ocorreram em diversas partes do mundo, e que tiveram repercussão na América Latina, dentre essas modificações, a Revolução Russa de 1917. Esta influenciou teórica e prática a atuação de homens e mulheres no mundo, inclusive no Brasil, o que favoreceu um interesse maior pelas ideias socialistas e pelo comunismo. Assim, diante das inquietações sociais e políticas que ocorriam na Primeira República brasileira, foi criado o Partido Comunista do Brasil (1922), que valorizou a imprensa como mecanismo fundamental, para o conhecimento do comunismo e para a conquista de novos adeptos para o Partido, valorizando a leituras e suas ideias. É sobre o desenvolvimento e produção de materiais de divulgação que o presente artigo trata.

Palavras-chave: Partido Comunista do Brasil. Imprensa. Leitura.

Afinal, quem são os comunistas? Quantas controvérsias giram em torno destes sujeitos e de sua doutrina definida de diversas formas! A Revolução Russa de 1917 tornou-os mais evidentes e conseqüentemente criou-se um imaginário em torno dela e de seus representantes. Principalmente ao analisarmos que uma revolução de tal envergadura aconteceu em um país considerado "atrasado", no sentido do desenvolvimento do capitalismo e suas contradições. A Rússia, em 1917, representava uma sociedade comandada historicamente por czares, formada majoritariamente por camponeses, com um contingente crescente de operários nas indústrias existentes.

As dificuldades políticas e econômicas na Rússia suscitavam nas classes trabalhadores perspectivas de mudanças imediatas no começo do século XX, colocando em pauta a luta de classes entre os setores historicamente excluídos da

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: Dan-his@hotmail.com

sociedade e seus governantes. Seus efeitos proporcionaram a Revolução derrotada de 1905, o fracasso na Primeira Guerra Mundial e guerra civil até a conquista do poder em 1917, pelo Partido Bolchevique. Segundo Broué:

De fato, o czar e seus partidários, a Centúria Negra, que organizava as matanças dos judeus, assim como sua polícia e seus funcionários, podiam, no pior dos casos, ganhar tempo com a repressão, com sistemático recurso a dispersão das forças hostis, com a “russificação” das populações não russas e com a utilização do chauvinismo russo. A necessidade de terra dos camponeses os empurrava inexoravelmente em direção as propriedades da nobreza, mesmo que nem estas bastavam para satisfazer-lhes. A ação operária chocava em suas reivindicações, até mesmo nas mais insignificantes, com o poder do czar autocrata, bastião dos capitalistas e guardião da ordem. Uma “modernização” que colocasse a sociedade russa na mesma linha do modelo ocidental exigiria muitas dezenas de anos de diferenciação social no meio rural assim como a criação de um amplo mercado interno, que para sua realização haveria exigido, quanto menos, o desaparecimento das propriedades nobiliárias e a supressão das cargas que pesavam sobre os camponeses; tal modernização suporia ademais um ritmo de industrialização que a própria debilidade do mercado interno tornaria insustentável e que, por outro lado, não interessava aos capitalistas estrangeiros predominantes. Apesar do exemplo prussiano, a modernização da agricultura parecia impossível se não vinha acompanhada da industrialização. O imperialismo e a busca de saídas exteriores representaram por sua vez um papel de manobra e de válvula de segurança que alguns lhe atribuíam; no entanto, em um mundo desigualmente desenvolvido, tais ambições esbarravam com fortes concorrências externas – e assim o demonstrou a absurda guerra contra o Japão – que, em definitivo, acrescentavam os perigos de comoção interna.²

Apesar de toda repressão e limitações impostas pelo governo russo “V. Lenin e seus companheiros triunfaram ali onde outros marxistas que, em princípio, gozavam de condições mais favoráveis, fracassaram. Pela primeira vez em toda a existência dos partidos socialistas, um deles ia vencer”³. Essa vitória russa encheu de esperança os inúmeros militantes que aspiravam por uma revolução socialista e que acreditavam que ela era possível, realizável. A Revolução Russa passou a ser o “anúncio” de uma revolução socialista internacional. Segundo Eric Hobsbawm “A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário da história moderna”⁴. Ao estudar a Revolução Russa, Hobsbawm a entende como um feito que propagou desdobramentos em escala internacional, repercutindo nos anseios de mudanças de homens e mulheres. Conforme o historiador inglês a Revolução Bolchevique foi:

²BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique: dos primeiros tempos à Revolução de 1917*. Curitiba. Pão e Rosas. 2005. p. 17.

³Idem.p. 44.

⁴HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.p.62.

(...) mais completa e inflexivelmente até mesmo que a Revolução Francesa em seus dias jacobinos, a Revolução de Outubro se via menos como um acontecimento nacional que ecumênico. Foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial. Na mente de Lenin e seus camaradas, a vitória bolchevique na Rússia era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória do bolchevismo numa escala global mais ampla, e dificilmente justificável a não ser como tal.⁵

No Brasil, as informações sobre a Revolução Russa por vezes chegavam desencontradas e distorcidas. Acusavam a Rússia de estar "(...) tomada pelo caos e pela anarquia. Um sem-número de vezes foi anunciado à queda dos bolcheviques, a prisão ou a morte de Lênin, o retorno de Kerenski ao poder"⁶. Em uma tentativa de reabilitar as informações e mostrar o quanto algumas notícias eram infundadas, em 1918 "Astrojildo Pereira publicou (com o codinome Alex Pavel) um pequeno folheto com escritos que comentavam a postura da imprensa sobre os acontecimentos revolucionários, com o título de *A Revolução Russa e a imprensa*"⁷.

Antes da revolução comunista de 1917 o socialismo já estava presente no cenário brasileiro do século XIX. "O socialismo não é uma ideia exótica no Brasil; tem suas raízes históricas, há mais de um século, com seus líderes marcantes, seu acervo de lutas e conquistas (...) "⁸. No Brasil, a francofilia era muito forte, na tentativa de expurgar ou opor-se ao domínio português. Tentava assemelhar-se aos franceses. "Por conseguinte, a França era festejada por reacionários e progressistas, como matriz intelectual donde importavam as ideias que convinham a cada grupo, embora por diferentes motivos"⁹. Entre elas, as ideias socialistas. O problema é que nem sempre esse debate foi levantado ou registrado pela historiografia. Conforme assegurou Cláudio Batalha:

O conhecimento do socialismo chega quase sempre por intermédio de autores mais acessíveis e através de textos de vulgarização. Boa parte desses autores difundia uma visão do marxismo que resultava de uma leitura positivista e/ou cientificista de Marx. Em outras palavras, Marx se insere na "ideologia socialista eclética" que domina o movimento no Brasil, como também ocorrera na Europa, eclétismo capaz de integrá-lo aos mais

⁵Ibidem. p.63

⁶Apud. MARCOS Del Roio. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES. João Quartim de. & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, SP. UNICAMP. 2003. p. 75.

⁷Idem. p. 75.

⁸CHACON. V. *História das ideias socialistas no Brasil*. Fortaleza, edições UFC; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1981. p.17.

⁹Ibidem. p. 18.

variados pensadores, como Ferdinand Lassale, Benoit Malon, Charles Darwin, Hebert Spencer, Ernest Haeckel, Max Nordau, Auguste Comte.¹⁰

Segundo Batalha, o francês Benoit Malon (1841-1893) era o mais difundido entre os socialistas brasileiros. O socialismo integral de Malon “é fortemente influenciado pelo positivismo e pela tradição humanista francesa, que pretende englobar não apenas a luta política econômica (limitação que atribui ao socialismo marxista), mas todos os campos da atividade humana, como a ciência e a filosofia moral”¹¹. Consequentemente, a concepção de partido no Brasil estava muito ligada à política eleitoral, mas não só a mesma “ora se refere a uma organização política efetivamente existente ou cuja criação é preconizada, ora remete a um campo político, o do que desprendem esforços pelos interesses da classe operária sem necessariamente estarem reunidos numa organização”.¹²

No que tange à Bahia, o historiador José Raimundo Fontes destaca a existência de quatro tipos de socialismo: uma primeira corrente chamada de “Socialismo Reformista” que apareceu na década de 1870; outra situada depois de 1901, o “Socialismo Transformador” “e tem como núcleo irradiador a “Federação Socialista Baiana”, fundada em 1902 e se mantém ativa ao menos até 1908”¹³; a terceira corrente a anarco-sindicalista; a quarta, conhecida por “Trabalhismo Colaboracionista”, similar ao “Socialismo Reformista” por aceitar o Estado como mediador das melhorias sociais dos trabalhadores. Robério Souza que também estudou a classe trabalhadora na Bahia critica a historiografia brasileira tradicional, por corroborar com a ideia de operário branco, imigrante e anarquista. A Bahia seria a demonstração de que tal proposição não era por completo verdadeira. Na Bahia, negros estavam à frente de movimentos grevistas e reivindicatórios constantemente, a greve dos ferroviários em outubro de 1909, em Salvador, seria um bom exemplo¹⁴ de resistência e estratégias de luta.

Os trabalhadores reclamavam dos baixos salários, das constantes multas e de remoções em prejuízos da convivência com suas famílias e com seus

¹⁰BATALHA, Claudio. *A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*. in: MORAES, João Quartim de (org). *História do marxismo no Brasil: os influxos teóricos*. Campinas, SP, Editora Unicamp, 1995, p. 14.

¹¹Ibidem. p. 23.

¹²Ibidem. p. 16.

¹³FONTES, José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. p. 35 - 37.

¹⁴Cf. SOUZA, Robério Santos. *Experiências de trabalhadores nos caminhos de ferro na Bahia: trabalho, solidariedade e conflitos (1892-1909)*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007.

companheiros de trabalho que, segundo sugerem, desrespeitavam os laços de sociabilidades anteriormente construídas por esses operários. Tudo isso, aliado ao aumento das atividades de trabalho, teria constituído as principais motivações para a deflagração do movimento grevista, tornando-os assim: “unidos e movidos pelo mesmo sentimento”.¹⁵

Demonstração que tanto as lutas teóricas quanto as políticas não se deram apenas em torno do anarquismo. Outras formas de organizações e de pensar a sociedade foram construídas paralelamente aos posicionamentos anarquistas, não só após o surgimento do PCB e das lutas políticas e ideológicas que as duas correntes travaram.

No início do século XX, o Brasil passava por mudanças econômicas e políticas modernizantes. Era uma recém República dominada por uma velha oligarquia que continuava no poder, mantendo uma sociedade aristocrata e extremamente desigual. A maior parcela da população continuava excluída dos espaços diretivos do País sem poder de decisão, expulsos dos privilégios da nação. Devido às contradições sociais reinantes, não é difícil compreender a presença de um sentimento em prol dos bolcheviques, de uma revolução comunista que transformaria a sociedade injusta e desigual em uma sociedade justa no futuro.

Os processos de agitação contrários ao poder político instituído no Brasil e às condições de trabalho que eram impostas à classe operária brasileira demonstravam a insatisfação desse segmento social. Classe esta, que nas décadas de 1920 e 1930 tinha os anarquistas como os principais “responsáveis” pela luta operária no País. Contudo, não podemos generalizar. A presença anarquista era forte, mas não implicava ausência de outras formas de organização dos trabalhadores. “A rigor, sindicalismo e mutualismo, antes de 1930, são fenômenos contemporâneos e não excludentes, sem fronteiras claras e de difícil demarcação”¹⁶. Só após a constituição de um partido “coeso” da classe trabalhadora é que comunistas e anarquistas disputaram no sentido mais próximo do termo a hegemonia da luta dos trabalhadores. Disputaram os rumos de como ela deveria ser guiada, e quem deveria conduzir. Os anarquistas ficaram em desvantagem neste processo, “tendo então que e defrontar com a crise e seus próprios limites teóricos e organizativos, não conseguindo tornar efetivo o antagonismo ao poder político do capital”.¹⁷

¹⁵Ibidem. p. 87.

¹⁶FONTES. Op. cit. p. 90.

¹⁷MORAES FILHO. Evaristo de. *A proto-história do marxismo no Brasil*. In: MORAES. João Quartim & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil. O impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, Editora UNICAMP, 2003. p. 63.

Na Primeira República, as autoridades “instituídas no Estado ou fora dele procuravam exercer seu poder através da opressão física e simbólica para impedir o que consideravam perturbação da ordem pública (...)”.¹⁸ As agitações em São Paulo em 1917, as greves de 1919, as revoltas tenentistas 1922, as reivindicações dos menos favorecidos socialmente na Bahia “quando as lutas operárias atingem o seu ponto mais elevado na Bahia, durante a Primeira República”.¹⁹ Todos esses movimentos eram necessários do ponto de vista dos revoltosos, mas para os “donos do poder” eram desordens e arriscavam a consolidação republicana. Não só as greves foram alvos dos governantes, dever-se-ia combater também os informes sobre a Revolução Russa, que “tornou-se o fundamento prático para constituição das figuras que deveriam ser sistematicamente repelidas pelo Estado e pela sociedade”.²⁰ Astrojildo Pereira comentou sobre este momento:

O congresso de fundação do Partido não foi coisa realizada de improviso mas resultou de um trabalho de preparação que durou cerca de cinco meses. Por iniciativa e sob a direção do Grupo Comunista instalado no Rio a 7 de novembro de 1921, outros grupos se organizaram nos centros operários mais importantes do país, com o objetivo precípuo de marchar para a fundação do Partido. Tinha-se em vista estabelecer certos pontos de apoio nas regiões onde havia alguma concentração de massa operária. Compreendia-se por outro lado, que o Partido devia ter desde o início um caráter definido de Partido político de âmbito nacional.²¹

Em meio às intensas lutas, o PCB foi fundado em 1922²²:

(...), partiu de um grupo vindo de uma experiência basicamente sindical. A formação de vários grupos auto-denominados comunistas, como a *Sociedade dos Irreverentes* e a *Congregação Libertadora da Terra e do Homem*, em Maceió; no Rio Grande do Sul, a *Liga Comunista do Livramento* e o *Grupo Comunista do Rio de Janeiro*, precedeu a fundação do PCB. É deste último grupo que parte a iniciativa de fundação do Partido Comunista. Quando se organizou, em 1921, tinha como objetivo principal difundir o programa da Internacional.²³

A criação do Partido ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro, em Niterói, no I Congresso realizado em 25, 26, 27 de março. Contou com nove delegados, eram eles:

¹⁸ALVES, Cristiano Cruz. *“Um espectro ronda a Bahia”: o anticomunismo da década de 1930*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2008. p. 21.

¹⁹FONTES. Op. cit., p. 34.

²⁰ALVES. Op. cit. p. 22.

²¹PEREIRA. Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979. p.77.

²² Em 1919 foi fundado o Partido Comunista no país. Segundo Astrojildo Pereira, o conteúdo do partido não era apropriado a sua rotulação de Partido Comunista do Brasil. Ver: PEREIRA. Astrojildo. *Ensaios históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979.

²³PALAMARTCHUK. Ana Paula. *Ser intelectual comunista... escritores brasileiros e o comunismo (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. São Paulo, 1997. p. 36.

“Abílio de Nequete, Astrogildo Pereira, Cristiano Cordeiro, Hermogênes Silva, João da Costa Pimenta, Joaquim Barbosa, José Elias da Silva, Luis Peres e Manuel Cendon”.²⁴

O encontro concentrou-se na seguinte pauta: as 21 condições de admissão na Internacional Comunista, os estatutos, a eleição de uma Comissão Central Executiva, a ação em solidariedade aos flagelados do Volga (...). Neste sentido, não foi à toa que as duas primeiras moções de saudação aprovadas pelo congresso fossem relacionadas com a Internacional Comunista e com a Revolução Russa.²⁵

O Partido não foi aceito imediatamente pela III Internacional Comunista que suspeitava da falta de firmeza em sua ideologia comunista. Neste quesito, um dos problemas do PCB foi a falta de um meio de divulgação próprio para exposição dos trabalhos, textos e livros de orientação marxista. Esta foi uma das dificuldades diante de tantas outras que surgiram inclusive, financeiras.

Nesses anos difíceis e de escasso poder financeiro, entretanto, o PCB utiliza determinados recursos de propaganda, já que os seus próprios meios são muito reduzidos. Não podemos esquecer de que se intensificam nestes anos, a produção e distribuição dos pequenos panfletos, do jornal a Classe Operária, e de outros meios de propaganda e imprensa, mas de qualquer maneira é pequeno o raio de ação desta propaganda. Para suprir essas deficiências, o PCB desde 1922 distribui os livros da Editorial La Internacional, de Buenos Aires. Através de um agente intermediário no Rio de Janeiro, Ferreira de Souza, qualquer interessado pode adquirir Karl Radec, L. Trostki, as publicações da Internacional Comunista etc. Desta maneira, os livros editados pela Terceira IC em Buenos Aires encontram-se a disposição de todos no mercado brasileiro, numa língua acessível ao setor nacional. Ainda mais é o próprio Astrogildo Pereira, secretário – geral quem também distribui livros para os núcleos regionais e as células do partido.²⁶

O antagonismo entre as distintas camadas sociais estava cada vez mais forte, evidenciando a luta de classes que agitava o país. As greves, as revoltas tenentistas, as reivindicações dos trabalhadores eram por melhores condições de trabalho, salário, participação política, a luta por moradia e transporte de qualidade. No interior, o cangaço, as disputas entre os grupos sociais dominantes de produtores rurais, entre os ascendentes burgueses e os trabalhadores de diversos ramos inflamavam o seio da sociedade brasileira.

Nessa conjuntura, o surgimento do PCB foi uma forma institucional de organizar e expressar essas lutas sociais na Primeira República, a qual mantinha

²⁴CARONE, Edgar. *O P.C.B (1922-1943)*. Vol 1. São Paulo. Difel. 1982. p. 2.

²⁵PALAMARTCHUK. Op. cit. p. 36.

²⁶DEAECTO, Marisa Midori & SECCO Lincoln (org). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo, Xamã, 2004, p. 62.

instituições políticas conservadoras, com um número significativo do seu contingente populacional analfabeto, à margem da economia. Um dos objetivos do PCB era pleitear cargos eleitorais, disputar todos os espaços de atuação possíveis. O parlamento seria um local indispensável para a luta partidária. Era adequado participar das instituições de poder representativo. Seguiu então os passos colocados por V. Lenin em *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*:

A conclusão que se tira desse fato é absolutamente indiscutível: está provado que, mesmo algumas semanas antes da vitória da República Soviética, mesmo depois dessa vitória, a participação num parlamento democrático-burguês, longe de prejudicar o proletariado revolucionário, permite-lhe demonstrar com maior facilidade às massas atrasadas a razão por que semelhantes parlamentos devem ser dissolvidos, facilita o êxito de sua dissolução, facilita a supressão política do parlamentarismo burguês. Não levar em consideração essa experiência e pretender, ao mesmo tempo, pertencer a Internacional Comunista – que deve elaborar internacionalmente a sua tática (não uma tática estreita ou de caráter estritamente nacional, mas exatamente uma tática internacional) – significa incorrer no mais profundo dos erros e precisamente afastar-se de fato do internacionalismo, embora este seja proclamado em palavras.²⁷

A princípio foi difícil sanar os dilemas de concepção política enfrentada pelos comunistas brasileiros, para compreender a sua realidade e a da URSS. Um dos mecanismos usados para sanar esta deficiência foi a imprensa. Certamente essa fase deve ter sido difícil para o PCB, sem um organismo que pudesse circular entre seus pares, em espaços que pudessem conquistar novos adeptos e discutir e informar sobre os problemas nacionais, os aspectos e propostas do comunismo e defender a URSS das falsas informações que eram levantadas na imprensa em geral.

Para enfrentar esse problema, a revista *Movimento Comunista*, que surgiu em janeiro de 1922, como “a primeira publicação periódica declaradamente comunista que apareceu no Brasil (...)”²⁸ foi tomada de empréstimo para ser órgão do PCB. “Após o congresso de fundação do Partido, cuja notícia aparece em seu número de junho, *Movimento Comunista* passou a ser editada como órgão sob a responsabilidade do Partido, mas com a mesma direção e redação.”²⁹ Segundo Marcos Del Roio, a revista teve um papel relevante na edificação do Partido Comunista do Brasil, “(...) na difusão do programa da IC e no debate sobre a Revolução Russa, tendo sido um divisor de águas no processo de separação do

²⁷ LENIN. V. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. 2ª. Edição. São Paulo. Escriba. p. 64. 1960.

²⁸ PEREIRA. Astrojildo. *Ensaio históricos políticos*. São Paulo, Alfa-Omega LTDA. 1979. p. 81

²⁹ *Ibidem*. p. 82

anarco-sindicalismo, num período de acirrados debates”.³⁰ A revista não teve longa duração, mas foi imprescindível para os primeiros passos do Partido Comunista do Brasil.

O último número de Movimento Comunista saiu a 10 de junho de 1923, constando a sua coleção completa de vinte e quatro fascículos, treze datados de 1922 e onze datados de 1923. É uma coleção que se tornou raridade bibliográfica e que em suas páginas guarda não poucos elementos importantes para a história da formação do Partido Comunista do Brasil.³¹

Na Bahia, a revista *Movimento Comunista* também circulou, mostrando o alcance do periódico:

(...) já em 1922, a primeira publicação do PCB- O Movimento Comunista era vendido na sede do Sindicato dos Pedreiros e Carpinteiros, na época uma influente entidade nos círculos operários de Salvador. Mas as primeiras células só vieram a ser organizadas por volta de 1925, entre os trabalhadores “fumageiros” das cidades de Cachoeira, São Feliz e Muritiba. Nestas localidades destacavam-se os operários Rufino Gonçalves e Amaro Pedro da Silva, empenhando-se na difusão de “A Classe Operária” e nas atividades de agitação, assinando e divulgando manifestos em nome do Partido nos quais denunciavam as condições de exploração dos trabalhadores das manufaturas de fumo.³²

Outro periódico importante e com duração mais longa na imprensa pecebista foi o jornal *A Classe Operária*, semanário criado a partir da conferência do Partido, realizada em 22 de fevereiro de 1925, anterior à realização do II Congresso do PCB. Teve como princípio agregar, conquistar militantes, divulgar o ideário comunista e as lutas sociais no país.

A publicação de *A classe operária*, em 1925, resultou de um plano maduramente pensado e traçado pela direção do Partido. Tratava-se de lançar um jornal de massas – “um jornal de trabalhadores e feito para trabalhadores”. Estávamos em estado de sítio—decretado em 5 de julho de 1924 e sucessivamente prorrogado até 31 de dezembro de 1926 -, o que tornava mais difíceis as naturais dificuldades de um empreendimento dessa natureza (...).³³

Após três meses de legalidade e 12 números editados, o jornal foi colocado na clandestinidade, em julho de 1925, pela polícia no governo de Artur Bernardes que

³⁰MARCOS Del Roio. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES. João Quartim de. & REIS FILHO. Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Vol. I. Campinas, SP. UNICAMP. 2003. p. 89.

³¹PEREIRA, op. cit., p. 83.

³²FONTES, op. cit., p. 122.

³³PEREIRA, op. cit. p. 97

governava sob Estado de sítio, podando as liberdades individuais. Vale ressaltar que em seu governo, Bernardes colocou em prática a lei Adolfo Gordo em 1923, que fiscalizava propagandas contrárias ao governo e prendia seus responsáveis "(...) esta é considerada a primeira Lei de Imprensa da República brasileira, uma vez que passou a ser usada para silenciar a imprensa. Por isso, foi denominada pelos opositores do governo e pelos jornalistas, de Lei Infame"³⁴. O jornal reapareceu em 1928 e em 1929 foi novamente atingido pelo ataque governamental. Retornou legalmente só na década de 1940, no curto período de legalidade do Partido. Anunciava o jornal *A Classe Operária* em 1928:

Aqui estamos de novo A Classe Operária... Precisamente ha 3 anos, a 1º de maio de 1925, saia o 1º número deste semanário. Podemos dizer que nunca houve jornal operário, entre nós, que conquistasse tão favorável, tão entusi[asmo] apoio, por parte do publico proletário, como o obtido pela A CLASSE OPERARIA. Sua tiragem subia de semana para semana: sua influencia crescia e penetrava por todos os meios operários do Rio e dos Estados: sua força, como arma de combate em prol das massas laboriosas, aumentava a olhos vistos.³⁵

O jornal, *A Nação*, foi mais um organismo de ação utilizado pelo Partido Comunista do Brasil. O jornal foi cedido pelo jornalista Leônidas Rezende, adversário do presidente Artur Bernardes (1922-1926). Em meados de 1927, Rezende se aproximava das ideias marxistas, buscando ao mesmo tempo aliar ideias de A. Comte e K. Marx. Teve *A Nação* uma atuação relevante, mesmo com vida breve. Circulou entre janeiro e agosto de 1927.

A Nação divulgava documentos, noticias sobre a URSS, artigos de Lenin e farta cobertura do movimento sindical e das greves operárias. Para comprovar a atração pelo líder bolchevique, instituiu a 'Semana Lenin' (...). O diário não resistiu muito tempo, mas de acordo com a direção, cumpriu seus propósitos.³⁶

Em 1928, o PCB publicou *Autocrítica*, material para discussão dos problemas internos e as críticas recebidas pelos seus adversários. A publicação saiu "(...) em forma de revista, com um mínimo de dezesseis páginas cada número. Sua

³⁴BERNARDO, Cristiane H. Corrêa & LEÃO. Inara Barbosa. *As condições superestruturais da profissão vistas pelo movimento dialético das Leis de Imprensa: uma regulação antidemocrática*. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 8 nº 1 – Janeiro a Junho de 2011. p. 45.

³⁵Jornal *A Classe Operária*. Rio 1º de maio de 1928, p.1.

³⁶MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialismo no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994. p. 64 - 65.

coleção conta de oito números, seis publicações antes do III Congresso, e mais dois já em 1929, depois do Congresso".³⁷ Serviu como mecanismo de reconhecimento e avaliação do PCB.

Em finais de 1920 e na década 1930, evidencia-se uma melhor e maior divulgação das ideias comunistas no País. Ocorreu um significativo aumento no número de publicações, na propagação de jornais e textos por editoras simpatizantes ao ideário de esquerda que facilitavam tal empreitada. Dentre eles, destacamos a *Revista Proletária* (1934), "órgão mais denso, mais voltado para a teoria marxista-leninista e é através de suas páginas que se afirma a linha adotada no momento (...)"³⁸ e a *Revista Seiva* (1938) revista antifascista publicada na Bahia. Podemos destacar outros periódicos:

(...) *A Internacional Comunista e o Mundo em revista*. Da primeira parece terem saído dois números: o segundo, de outubro de 1935, anuncia as suas edições em português, espanhol, russo, alemão, inglês, francês e chinês. A revista transcreve artigos de *La correspondance Internationale*, e a edição brasileira começa a ser editada pelas Edições Contemporâneas, um dos inúmeros nomes usados pelo PCB, na sua camuflagem. Neste número temos o discurso de Dimitrov, artigo de W. Foster, chefe do PC americano, artigo de Stalin, e outros sobre o comunismo internacional e a Rússia.³⁹

O esforço dos militantes para divulgar o comunismo é evidente na série de títulos e temáticas diversas bem como apontou E. Carone:

(...) Comitê antiguerreiro, Apelo para as lutas contra a guerra imperialista, em defesa da União Soviética e da China despedaçada pelo imperialismo (1933), Stalin, A unidade é a condição fundamental para a existência do partido e A palavra de ordem da sociedade (edições Sociais, 1935); VII Congresso da IC: Dimitrov, A frente única anti-imperialista e Nós somos inimigos de todo esquematismo (1935); Lenin, Carta de Lenin (sobre o preparo da insurreição pelo CC do PC russo, 1935); Piatniski, Problemas do movimento sindical internacional (1935); Ingoulov, Princípios de economia política e Capitalismo e socialismo (ambos de 1935); Earl Browder, Os problemas, os partidos e os homens, nas últimas eleições em Nova York; Luta contra a guerra e o fascismo, Dez anos de miséria e tirania, contra a alta do preço da carne (os três, de 1940).⁴⁰

Todo esse trabalho de divulgação tinha um objetivo: era uma espécie de chamado aos futuros militantes à causa comunista, às lutas por mudanças. Era fundamental conquistar o maior número de adeptos, encher as fileiras do Partido Comunista, torná-lo de massa. Nessa tentativa, uma das estratégias usadas foi a

³⁷PEREIRA, op. cit., p.133.

³⁸CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930 -1945)*. São Paulo, Ática – série fundamentos. 1991. p. 119.

³⁹Idem. p.119.

⁴⁰Ibidem. p. 121.

divulgação do pensamento comunista, através de materiais textuais e exposições teóricas. A imprensa teria um papel fundamental, como:

(...) divulgadora de noções e valores, afirmando consensos e formando imagens. Sua função principal nas formações dos discursos é produzir explicações mais acessíveis para o público sobre aquilo que se fala. A produção dos fatos, principal meio de divulgação de noções 'verdadeiras' sobre a realidade está imersa em consensos de sentido.⁴¹

Desde sua fundação, uma das prerrogativas do PCB era a criação de uma imprensa comunista coesa. O estatuto partidário de 1922 demonstra a preocupação com a criação do Serviço de Imprensa e Publicidade. Este órgão era responsável por dirigir e controlar as publicações, evitar o desvio de orientação, responsável pela divulgação das ações, resoluções de assembleia e do balanço da tesouraria⁴². Com o tempo, veio o amadurecimento e o melhor uso da publicidade.

Nesse percurso, esse setor mudou de nome algumas vezes, foi: Secretaria Nacional de Divulgação, Secretaria Nacional de Educação e Propaganda, Comissão Nacional de Educação e Propaganda. Desde o início, exigiu-se disciplina e o respeito ao controle do Partido sobre a imprensa comunista. O controle dos escritos não era algo novo aos comunistas.

No Brasil, desde que a imprensa (oficial) chegou ao país com a família real, no século XIX, foi com ressalvas. E a República brasileira reforçou a restrição à imprensa livre, sendo ela um polo de combate a leitores, leitoras, autores e principalmente aos comunistas. O Governo de Getúlio Vargas, por exemplo, foi um veredicto contra as letras. Os censores das ideias não precisavam nem conhecer o que era comunismo ou socialismo, bastava à polícia identificar tais palavras que o material era apreendido, ou aquele que o portava era enquadrado como comunista.

Neste decurso histórico, em que a produção, leitura e divulgação foram vistas ora como criadoras ora como perturbadoras, os grupos vivenciaram dificuldades no ato livre de ler. Pela influência que a produção de textos e a leitura podem ter nos grupos sociais é que o controle governamental foi por várias vezes, extremamente rígido com os produtores e com seus leitores. Nem tudo poderia ser lido, nem tudo poderia ser escrito ou divulgado. Autores considerados subversivos deveriam ser punidos e os seus leitores privados dos malefícios que determinadas leituras poderiam oferecer. Muito foi feito para censurar, para punir, para julgar.

⁴¹ ALVES, op. cit., p 13.

⁴² Ver: CARONE. Edgard. *O PCB: 1922-1943*. Vol. 1. São Paulo. Difel. 1982.

Foram várias as estratégias para burlar as restrições. Os mecanismos de circulação eram inúmeros, desde o uso de capas falsas, títulos diferentes, vendas ambulantes, auxílio das editoras, espaços de boemia foram utilizadas como lugares para circulação de produções e ideias.